ANTI-DISPOSITIVOS:

imagens construídas através de uma condição de cegueira

autor: **Yuri Rodrigues de Medeiros Wagner**
orientador: **Alcimir De Paris**

t.c.c.
agosto de 2017
arquitetura e urbanismo
universidade federal de santa catarina

Um trabalho elaborado como uma colagem, sem uma linearidade clara e evidente, através de analogias entre diferentes temas, agora, convida o leitor a participar da costrução do significado, por meio de errâncias pelo interior de suas intrídáveis camadas de conteúdo, criando, contantemente, aberturas para novas possibilidades de leituras e interpretações. Logo, através dessa grande imagem, preenchida por um complexo número de citações, cria-se oportunidades para que o trabalho se torne outro, agregando novos pontos de vistas a sua intricada malha de informações. Enquanto, em uma outra plataforma, o caderno seria mais uma forma de acesso, encontrado pelo autor como a maneira mais viável por ele de comunicar as suas ideias e olhares, em vista de uma troca e compartilhamento com o público, a qual se potencializará ainda mais quando somada a apresentação do trabalho, onde, nesse instante, se completaria com novas representações e abordagens sobre o estudo.

A DOMESTICAÇÃO DA VISÃO

"Desenvolveram-se de forma consistente meios técnicos que também permitiriam a informação viajar, independente de seus portadores físicos – e independente também dos objetos sobre as quais informativa meios que libertaram os "significantes" do controle dos "significados"."
(BAUMAN, 1999)

"Virualizante, a escrita dessincroniza e deslocaliza. Ela fez surgir um dispositivo de comunicação no qual as mensagens muito frequentemente estão separados no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, e portanto são recebidas fora de contexto."
(LEVY, 2011)

"E eis de facto que surge à nossa volta o novo universo de imagens artificiais, produzidas já não mais singularmente, artesanalmente, mas de maneira industrializada, fitas em série, destinadas a uma população em contínuo aumento, que tem, por seu lado, necessidade do seu alimento diário em imagens."
("OS "NOVOS ÍCONES" E A "CIVILIZAÇÃO DO CONSUMO)"

"Uma primeira aproximação permite perceber que o nosso imaginário atual é muito mais uma fabricação de imagens de certos outros sobre mim, do que minha experiência sobre o mundo. Memorias artificiais, falsas implantadas como em Blade Runners, Foi esse admirável o mundo novo que se apresentou intermediado pela representação das imagens técnicas.
Um imposto"
(FUÃO, 2008)

"Afinal, o aparecimento da rede mundial de computadores pós fim, no que diz respeito à informação, a própria noção de "viagem" (a de distância a ser percorrida) tornando a informação instantaneamente disponível em todo planeta, tanto na teoria como na prática."
(BAUMAN, 1999)

"Naturalmente, as suas deficiências e os seus perigos devem ser conhecidos por nós, a fim de podermos controla-las e contra balança-las, e a sua ubiquidade não deve ser uma razão para aceitar o seu domínio incontestado."
("OS "NOVOS ÍCONES" E A "CIVILIZAÇÃO DO CONSUMO)"

"As imagens visuais "falam-nos" com suficiente clareza; uma clareza que é capaz de chegar até aos nossos centros associativos mesmo quando não temos consciência disso; mas também neste caso a sua eficácia reside, muito provavelmente, no halo de ambiguidade que as rodeia. Poderemos pois continuar a falar de uma "comunicação por imagens" como de uma das formas fundamentais de participação intersubjetiva do pensamento humano(...)"
("OS "NOVOS ÍCONES" E A "CIVILIZAÇÃO DO CONSUMO)"

"(...) é minha convicção que há muito a aprender e muitas vantagens a tirar da presença destes novos icones no de meio de nós, em ordem a podermos chegar a uma equilibrada estruturação da nossa civilização, baseando-nos justamente sobre elas."
("OS "NOVOS ÍCONES" E A "CIVILIZAÇÃO DO CONSUMO)"

"Cabe destacar ainda que, entendida no contexto da abordagem da cognição inventiva (Kastrup, 2007), a imagem mental é, ao mesmo tempo, um produto e um processo. Mesmo quando assume uma forma determinada, ela guarda uma dimensão processual, continuando seu processo de produção."
(A REVOLUÇÃO PARADIGMÁTICA DA FOTOGRAFIA NUMÉRICA, 2007)

"No campo das ciências cognitivas, Antonio Damasio (2000) refuta a ideia de uma realidade absoluta, que seria representada em imagens. As imagens mentais não são armazenadas como coisas ou fotografias das coisas. Evocar, por exemplo, exige a construção de uma nova versão da lembrança."
(A REVOLUÇÃO PARADIGMÁTICA DA FOTOGRAFIA NUMÉRICA, 2007)

O CARÁTER PSEUDO DO SUJEITO

"Externo no sujeito da ação, mas individualista enquanto ação social possível, movida que é pelos cálculos desejantes de indivíduos enclausurados a parcelmônia de um mercado imagético, que os faz desejar ao mesmo tempo que produz seu próprio desejo. Manipulação de imagens, ou imagens que se manipulam de forma autônne, como se manipula um torneira no ato mecânico de abrir e fechar objetal."
(FUÃO, 2008)

"(...) anestésica contemplação da imagem publicitária contemporânea da cidade-espetáculo."
(JACQUES, 2003)

"A representação e deslocamento das imagens é uma artimanha do poder"
(FUÃO, 2008)

"Aprenende-se um olhar e nunca o real, apesar do real ser a fonte de onde se enquadra ou se enfoca o objeto a ser capturado. E Susan Sontag (1977) diz bem ao falar da violação do objeto pela imagem que dela se apreende. Pois na violação nunca se retrata o objeto mas o olhar sobre ele."
(FUÃO, 2008)

"O papel da arquitetura agora será o de realizar o importante trabalho de doutrina da acomodação do olho, proporcionar um determinado tipo de olhar geométrico que se fundamenta nos instrumentos óticos, na ausência de qualquer subjetividade provocada pela vista."
(FUÃO, 2008)

O QUE É O DISPOSITIVO?

"O termo dispositivo nomeia aquilo em que e por meio do qual se realiza uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir o seu sujeito"

"a) É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas, etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos."

"b) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder."

"c) Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber."
(AGAMBEN, 2014)

"Não seria provavelmente errado definir a fase extrema do desenvolvimento capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação de dispositivos."
(AGAMBEN, 2014)

A DESORIENTAÇÃO COMO AÇÃO PROFANADORA

"No fundo – ou no limite – para ver bem uma foto mais vale erguer a cabeça ou fechar os olhos." "A condição prévia para a imagem é a "visão", dizia Janouch a Kafka. E Kafka sorria e respondia: "Fotografam-se coisas para expulsá-las do espírito. Minhas histórias são uma maneira de fechar os olhos." A fotografia deve ser silenciosa (há fotos tonitruantes, não gosto delas): não se trata de uma questão de "discrição", mas de música. A subjetividade absoluta só é atingida em um estado, um esforço de silêncio (fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio)."
(BARTHES, 2011)

"Seja o que for o que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos."
(BARTHES, 2011)

"No passado a animação era dada pelo narrador, pelo historiador que nos fazia ver o que não existia, colocava imagens nas nossas cabeças, as quais nós mesmos fabricávamos, a partir do que nos era fornecido como imagem referencial. Isso é o que Gaston Bachelard chama de imaginação, a imagem em ação, dinâmica, distorcida, desviada de seu original. O exercício da criação, o imaginário como a arquitetura da imaginação."
(FUÃO, 2008)

"Embora as sociedades ocidentais tenham, nas últimas décadas, privilegiado as imagens como forma de conhecimento e de comunicação social, esse fenômeno que utiliza as imagens televisionadas ou computadorizadas não trouxe consigo a emergência de um imaginário mais rico ou complexo. As imagens padronizadas não conseguiram construir, através de seus recursos simbólicos, qualquer universo do seu imaginário social que pudesse superar as antigas narrativas orais, o teatro das ruas e os rituais sagrados e profanos que fizeram parte durante séculos da composição do imaginário social."
(FUÃO, 2008)

O QUE É O VIRTUAL?

"Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização."
(LEVY, 2011)

"Assim a virtualização da empresa consiste sobretudo em fazer das coordenadas espaçotemporais do trabalho um problema sempre repensado e não uma solução estável. O centro de gravidade da organização não é mais um conjunto de departamentos, de postos de trabalho e de livros de ponto, mas um processo de coordenadas que redistribui sempre diferentemente as coordenadas espaçotemporais da coletividade de trabalho e de cada um de seus membros em função de diversas exigências."

(LEVY, 2011)

"A atualização ia de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema." "(...) a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade, cria um vazio motor." "A virtualização é um dos princípios vetores da criação de realidade."
(LEVY, 2011)

"O possível é exatamente como o real: só lhe falta a existência. A realização de um possível não é uma criação, no sentido pleno do termo, pois a criação implica também a produção inovadora de uma ideia ou de uma forma. A diferença entre possível e real é, portanto, puramente lógica."
(LEVY, 2011)

"Compreende-se agora a diferença entre a realização (ocorrência de um estado predefinido) e a atualização (invenção de uma solução exigida por um compêxeo problemático). A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma "solução"), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular."
(LEVY, 2011)

IMAGEM COLAGEM, POLISSÊMICA E FLUÍDA

"Depois de inoculado, através da simpatia na collage, ele passa a buscar constantemente toda sorte de analogias, relações de inversões entre todas as coisas que nos rodeiam. A mente faz o olho trabalhar de maneira desviada, desorbitada, fora do mundo, em busca de mais realidade."
(FUÃO, 1996)

"(...) segundo Charles S. Pierce, a imagem como icone difere e se opõem ao símbolo, à medidaque o símbolo é convencional, enquanto a imagem não o é, devido a sua identidade com o objeto. Nessa perspectiva, o autor define símbolo como um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico somente no contexto em que é interpretado."
(Laplantine, 1996)

"O olhar heterotópico está em todo reino da collage, e isto é realmente uma de suas maravilhas. O olho está onde quer estar, em qualquer lugar, e em qualquer tempo."
(FUÃO, 1996)

"O caráter convencional coloca o símbolo no interior do funcionamento social com todas as suas ambiguidades, seu caráter sincrético, polissemântico, que caracterizam o movimento unitário e afetivo de todos os indivíduos de uma cultura sobre uma mesma figura sintética."
(Laplantine, 1996)

"Contrariamente ao pensamento lógico ou mais exatamente de maneira complementar o pensamento simbólico funciona a partir das relações analógicas, quer dizer, de semelhanças mais ou menos distantes entre as coisas que se aparentam na sua configuração geral e cujos conceitos evocam necessariamente sentidos diferentes"
(PHILIPPE JORON)

"Nesse caso, o símbolo prevalece sobre a imagem, à medida que, enquanto a imagem está mais diretamente identificada ao seu objeto referente – embora não seja a sua reprodução, mas a representação do objeto -, o símbolo ultrapassa o seu referente e contém, através de seus estimulos afetivos, meios para agir, mobilizar os homens e atuar segundo suas próprias regras normativas (relacional ou de substituição)."
(Laplantine, 1996)

"(...) como polifonia de sentidos, ligados a um corte espaço temporal específico, mas também a subjetividades que além ou aquem deste recorte. Politiza a paisagem, tornando-a discursiva através da politização, no sentido humano do agir. Torna-a possível de ser paisagem enquanto caráter simbólico que remete a valores sociais e subjetivos específicos."
(IMAGEM E NARRATIVA OU, EXISTE UM DISCURSO DA IMAGEM?

LEXICO E HIPERTEXTO ATRAVÉS DAS MEMÓRIAS

"Cada indivíduo, cada organização são incitados não apenas a aumentar o estoque, mas também a propor aos outros cibernautas um ponto de vista sobre o conjunto, uma estrutura subjetiva. Esses pontos de vista subjetivos se manifestam em particular nas ligações para o exterior associadas às home pages afixadas por um indivíduo ou grupo. No ciberespaço, como qualquer ponto é diretamente acessável a partir de qualquer outro, será cada vez maior a tendência a substituir as cópias de documentos por ligações hipertextuais: no limite, basta que o texto exista fisicamente numa única vez na memória de um computador conectado à rede para que ele faça parte, graças a um conjunto de vínculos, de milhares ou mesmo milhões de percursos ou de estruturas semânticas diferentes, A partir dos home pages dos hiperdocumentos on-line, pode-se seguir os fios de diversos universos subjetivos."
(LEVY, 2011)

"O navegador pode se fazer autor de maneira mais profunda do que percorrendo uma rede preestabelecida: participando da estruturação do hipertexto, criando novas ligações. Alguns sistemas registram os caminhos de leitura e reforçam (tornam mais visíveis, por exemplo) ou enfraquecem as ligações em função da maneira como elas são percorridas pela comunidade dos navegadores."
(LEVY, 2011)

"O hipertexto, hipermídia ou multimídia interativo levam adiante, portanto, um processo já antigo de artificialização da leitura. Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de emissões internas ao texto, em associar a outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura. Aqui, não consideramos mais apenas os processos técnicos de digitalização e de apresentação do texto, mas a atividade humana de leitura e de interpretação que integra as novas ferramentas."
(LEVY, 2011)

"A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo: em vez de seguirmos linhas de errância e de migração dentro de uma extensão dada, saltamos de uma rede a outra, de um sistema de proximidade ao seguinte. Os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênese."
(LEVY, 2011)

"Em relação às técnicas anteriores de leitura em rede, a digitalização introduz uma pequena revolução copernicana: não é mais o navegador que segue as instruções de leitura e se desloca fisicamente no hipertexto, virando as páginas, transportando pesados volumes, percorrendo com seus passos a biblioteca, mas doravante é um texto móvel, caleidoscópio, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade diante do leitor. Inventa-se hoje uma nova arte de edição e da documentação que tenta explorar ao máximo uma nova velocidade de navegação em meio a massas de informação que são condensadas em volumes a cada dia menores."
(LEVY, 2011)

"Um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura (numa interpretação). Ao remontar essa encosta da atualização, a passagem ao hipertexto é uma virtualização. Não para retornar ao pensamento do autor, mas para fazer do texto atual uma das figuras possíveis de um campo textual disponível, móvel, reconfigurável à vontade, e até para conectá-lo e fazê-lo entrar em composição com outros corpus hipertextuais e diversos instrumentos de auxílio à interpretação. Com isso, a hipertextualização multiplica as ocasiões de produção de sentido e permite enriquecer consideravelmente a leitura."
(LEVY, 2011)

"Assim a escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma dos corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita."
(LEVY, 2011)

"Enfim, o suporte digital permite novos tipos de leituras (e de escritas) coletivas. Um continuum variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais."
(LEVY, 2011)

"Enfim, os leitores podem não apenas modificar as ligações mas igualmente acrescentar ou modificar nós (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos. Subliminemos que essa prática encontra-se hoje em pleno desenvolvimento na Internet, notadamente na World Wide Web. Todos os textos públicos acessíveis pela rede Internet doravante fazem virtualmente parte de um mesmo imenso hipertexto em crescimento ininterrupto. Os hiperdocumentos acessíveis por uma rede informática são poderosos instrumentos de escrita-leitura coletiva."
(LEVY, 2011)

TRANSFORMAÇÃO DO ESPECTADOR EM INTERATOR

"Enquanto simbolicamente e enquanto imaginariamente, são os diversos discursos por trás e sobre uma revelação que elaboram a imagem. Ela é assim produto de uma polifonia de olhares que refletem e remetem a códigos que estão além dela própria."
(IMAGEM E NARRATIVA OU, EXISTE UM DISCURSO DA IMAGEM?
MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY)

"A imagem, então, não possui discurso, mas permite discursos nela, sobre ela e através dela. Discursos que se revelam em choques ou em fusões de olhares múltiplos."
(IMAGEM E NARRATIVA OU, EXISTE UM DISCURSO DA IMAGEM?
MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY)

"Olhar-discurso, olhares discursivos na e sobre as imagens. Nunca imagem que discursa por si."
(IMAGEM E NARRATIVA OU, EXISTE UM DISCURSO DA IMAGEM?
MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY)

"Complexa em sua forma de expressão, a imagem narra trajetórias de apreensão de sentidos vários. Trajetos que vão se incorporando, enquanto discursos densos que tencionam cada novo olhar a uma busca ampla dos diversos códigos imersos nela ou emersos dela. Resignificam o olhar a cada novo evocar, o que permite uma liberdade específica de atribuição de sentidos novos aos já anteriormente impressos."
(IMAGEM E NARRATIVA OU, EXISTE UM DISCURSO DA IMAGEM?
MAURO GUILHERME

"Sempre uma construção social, por embaralhar nos diversos olhares que a compuseram, singularidades imaginárias da constituição de um povo. Apresenta os elementos necessários à compreensão comum de olhares singulares sobre o mesmo conjunto e, ao mesmo tempo, institui a diferença pela especificidade que cada olhar possui."
(IMAGEM E NARRATIVA OU, EXISTE UM DISCURSO DA IMAGEM?
MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY)

ANALOGIA EXISTENTE ENTRE A COLAGEM, MEMÓRIA E CIDADE

"A cidade é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de geração de acontecimentos públicos e de tragédias privadas, de fatos novos e antigos (...). E é por isso que o que merece registro é a forma pela qual a vida se realiza e se processa no espaço e sua imagem resulta de fatos inesperados."
(ALDO ROSSI)

"Assim, a união entre passado e o futuro está na própria ideia de cidade, que a percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa e que, para concretizar-se, deve conformar a realidade, mas também conformar-se nela."
(ALDO ROSSI)